



A VELHICE E ENVELHECIMENTO A PARTIR DA FALA DE JOVENS TRANS

Rodrigo Pedro Casteleira
Eliane Rose Maio
Universidade Estadual de Maringá

RESUMO

Este artigo analisa como se dá a elaboração da velhice a partir das falas de pessoas trans (femininas) jovens, bem como suas imagens suscitadas pelas memórias, pautado nas análises de depoimentos. O método escolhido foi o de registro oral de quatro depoimentos, realizados no período de janeiro a agosto de 2013, aliado à descrição e análise das falas que permitiram estabelecer conexão entre a transformação do corpo masculino em feminino e a como pensam seus processos de envelhecimento. Para analisar os dados das informantes foi utilizado um roteiro semiestruturado como guia para a coleta dos depoimentos, de maneira a privilegiar a flexibilidade no diálogo e relacionar às discussões de gênero de Judith Butler e Marco R. Benedetti, aos estudos geracionais de Miriam Goldenberg e de corpo de Le Breton. As análises das falas dos quatro depoimentos revelam a afirmativa de que a velhice para uma trans feminina se dá logo após os trinta anos de idade, diferente do que preconiza o Estatuto do Idoso, ou seja, antes dos sessenta anos, sobretudo por causa da cobrança corporal que vivenciam e são cobradas, o que as levam ao uso de roupas e indumentárias para esconder as marcas da idade.

Palavras-chave: corpo; envelhecimento; trans femininas.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é pontuar como quatro pessoas trans femininas projetam suas velhices a partir da memória e revelar como a velhice e sua imagem são processadas pelos corpos jovens. Essas quatro jovens residem no interior do Paraná e elaboraram suas construções corporais e as vivenciaram frente ao processo de envelhecimento, o que parece fugir das categorias específicas pensadas para o gênero e seus processos cronológicos. As entrevistadas, com contato de 2012 a 2013 para a pesquisa da dissertação de mestrado, são

Realização:



Apoio:



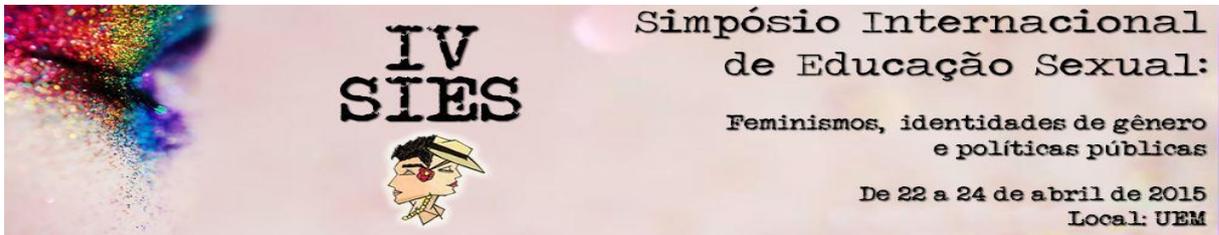
DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



Patrocínio:



PlayBook



consideradas jovens, já que possuem idade entre dezoito e vinte e nove anos, como regulamenta o Estatuto da Juventude, conforme a Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, Dos Direitos e das Políticas Públicas de Juventude, em seu primeiro parágrafo. Já a pessoa idosa é definida, conforme o Estatuto do Idoso em seu Primeiro Artigo, como aquela pessoa com idade igual ou superior a sessenta anos (Ministério da Saúde, 2009, p. 07).

O recorte etário será utilizado por marcar legalmente a juventude e velhice, ainda que seja patente a afirmação de que a cultura implica sobremaneira essas fronteiras sobre juventudes e envelhecimento. As conversas foram gravadas, mediante autorização dessas pessoas, somado ao diário de campo para o registro dos gestos, do trajeto, do universo que permeou o contato com as entrevistadas.

As pessoas entrevistadas se representam, e se apresentam, como femininas, mesmo que no discurso dessas pessoas oscile o artigo ora no feminino, ora no masculino, a corporeidade é a dotada de feminilidade, no gênero que revela ao outro, como se observa nas falas delas:

Até então os olhares de todos aqui são como se eu fosse uma mulher, totalmente diferente, isso eu sinto, eu vejo da forma como eles me tratam, o respeito que eu consegui obter deles é esse, como de uma mulher, que era o que eu queria porque até então eu também não me vejo como uma travesti, não me vejo mais, eu era uma travesti hoje eu sou uma mulher, então, eu acho que tanto eu me ver assim, eu acabo passando isso pra eles [...] (A.).

É, não transexual porque transexual é quem opera, mas transgênero por causa do meu gênero: eu nasci num corpo masculino, mas meu gênero é feminino, entendeu? (R.).

Que eu acho que nasci assim, como eu sou travesti, então eu sou os dois sexos: o masculino e o feminino (B.).

Conforme Pessoa (2013, p. 15), o universo trans é vivenciado e experienciado por diversos sujeitos que “transformam os seus corpos em busca de uma aparência e um gênero que quebra com a postura hegemônica. Travestis, transexuais, drag

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





queens/drag kings, crossdressing e transformistas são algumas das identidades que fazem parte desse universo”.

Os corpos jovens dessas trans iniciaram suas modificações corporais conforme suas subjetividades, o que os difere quanto ao tempo e recursos utilizados, porém, existe uma aproximação quanto a querer ser feminina e marcar suas juventudes. O uso da roupa é emblemático neste caso, pois se caracteriza como elemento diferenciador dos gêneros, Benedetti (2005) chama a atenção para o fato de que elas, além do hormônio e silicone, auxiliam as trans na gestão da identidade. Desta forma, a roupa e a indumentária se configuram como linguagem para o “processo na construção da travesti, por ser uma das primeiras estratégias acionadas para dar visibilidade ao desejo de transformação” (BENEDETTI, 2005, p. 67).

Como as entrevistadas se determinaram como transgênero, mulher e travesti, a definição da pesquisa se pautou como pessoas trans, ou simplesmente trans, um termo mais abrangente que incorpore essas identidades. Para que essas identidades possam ir ao encontro do desejado, as modificações corporais irão além de uma “simples mudanças na anatomia, são também pensamentos, imposições, princípios religiosos, etnia, consumo, tecnologia e modos de adequar-se ao meio social e cultural” (PESSOA, 2013, p. 53).

Esses corpos, então, representam um capital físico que também é simbólico, econômico e social, porém, “é preciso ressaltar que este corpo capital não é um corpo qualquer. É um corpo que deve ser magro, jovem, em boa forma, sexy. Um corpo conquistado por meio de um enorme investimento financeiro, muito trabalho e uma boa dose de sacrifício” (GOLDENBERG, 2011, p. 78). Essa plasticidade corporal não se delinea como unanimidade teórica, haja visto que a pessoa escolhe o que lhe agrada e que seja possível, oscilando entre um a outro sem que haja uma posição cristalizada ou que convenha inteiramente, uma vez que encontra-se livre para criar e buscar o corpo perdido (LE BRETON, 2012, p. 139).

Goldenberg (2011, p. 79) descreve que o corpo no Brasil se constitui como efetivo capital, o que permite compreender, por exemplo, porque as mulheres

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



brasileiras, posteriormente às norte-americanas, consomem mais cirurgias plásticas estéticas em todo o mundo, representando investimentos desde o uso de botox, tintura de cabelo aos procedimentos variados para possuírem o corpo capital. O medo da imagem da velhice, e de ser velha, ronda as mulheres tanto quanto as trans.

Casotti e Campos (2011) revelam a existência de uma dinâmica que se inicia na juventude e carrega um fantasma do envelhecimento que ronda as mulheres: a beleza. A violência simbólica que o gênero feminino sofre parece ser agravada com o fato de que seus corpos não estão mais jovens, e mais, caso o corpo seja trans, parece haver um estigma maior ainda, sobretudo se está no mercado do sexo.

O corpo elaborado pelas trans atende seus propósitos subjetivos e privados, enquanto desejo de ser mais feminina, ter cabelos mais compridos, entre outros, mas atende também propósitos objetivos e públicos, uma vez que seu corpo se expõe aos demais corpos e essa mesma exposição imprime o desejo da eterna juventude e, conseqüentemente, o medo da imagem da velhice. O ícone do medo se espalha mais uma vez no corpo, mas não o delas e sim com o contato com o de uma mais jovem. M. explica essa dinâmica: “Sabe por que travesti não quer envelhecer? Porque assim, tem a substituta, vem vindo... quando a gente vai envelhecendo vão vindo outras novinhas, entendeu?”, a cobrança de si e das demais pessoas ao corpo jovem e bonito é uma constante em suas falas, como a de B.: “É, tudo, as pessoas cobram, os homens cobram, meu marido também vai cobrar porque se eu tiver com aquela coisa toda desmanchada, toda *pelancada*, ele vai deixar eu e vai arrumar outra, então tem que ficar tudo em cima”.

As mesmas cobranças são sentidas por R. e A. uma vez que presenciaram a velhice e envelhecimento de outras trans. Essa cobrança de si e de seus corpos vem ao encontro do que Pesavento (2008, p. 18) afirma sobre como se criam imagens a partir de suas experiências emotivas e sensoriais ao declarar que os sentidos absorvem as imagens vivenciadas, as selecionam e atribuem este ou aquele significado para construir uma imagem de si na velhice.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





Se hoje as trans se valem mais de próteses de silicone e outros elementos para a elaboração corporal, ‘no tempo’ das mais velhas as práticas eram mais direcionadas segundo a hormonização e da injeção de silicone industrial, não que uma prática exclua a outra, porém, revela como a indústria cosmética, médica e farmacêutica se dedicam a retardar as marcas do envelhecimento. O processo de envelhecimento, ainda que orgânico, não é perceptível pela consciência, segundo delinea Le Breton (2012, p. 228-229). Para este autor, o processo é demasiado lento e imperceptível por causa da inexistência de um contraste, ou seja, a pessoa envelhece não em função de uma consciência temporal, e sim frente aos eventos cotidianos que impregnam em sua pele, seus músculos e sua energia cada dia mais baixa. A inexistência de uma ruptura brutal e a falta de percepção efetiva do envelhecimento não é pensado pelas trans enquanto não haja algo que lhes reporte à velhice, algum indício ou elemento, como M. e sua ‘descoberta’ sobre ele a partir do cabelo:

É aquela coisa, conforme o tempo passa, sua pele vai mudando, sabe, a expressão vai ficando diferente. Estes dias mesmo, eu *tava* no banheiro e achei um fio branco, meu cabelo *tava* escuro. Que que eu comecei a fazer? Comecei a clarear de novo, para não ter como enxergar este fio.

Esse fio de cabelo branco traduz o sentimento da velhice e o intervalo com um exame consciente de que seu corpo mudou. O desejo de M. em pintar os cabelos e ocultar o embranquecimento mostra como ela elabora sua própria imagem de forma consciente “a partir de um contexto social e cultural particularizado por sua história pessoal” (LE BRETON, 2012, p. 230-231). O corpo que envelhece, que se aproxima do ser velho, ainda que jovem, atende à regras de posicionamento e etiqueta para que não possa ser rotulado como inconveniente ou destoante, como alerta Le Breton (2012, p. 200):

É conveniente que uma etiqueta corporal varie segundo o sexo do interlocutor, seu *status*, sua idade, o grau de parentesco, ou de

Realização:



Apoio:

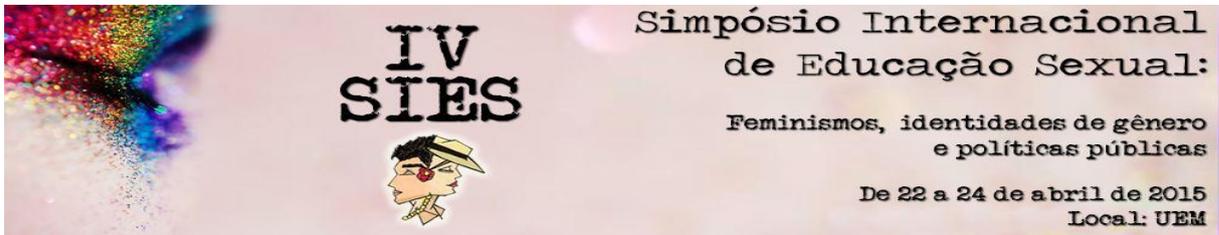


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





familiaridade, o contexto da interação etc. Toda conduta que escape à sua definição social é ameaçada pela inconveniência. Ela pode suscitar a vergonha daquele que toma consciência de ter rompido um quadro estabelecido, e o mal-estar daquele que é confrontado a esse afastamento: um mau cheiro, um hálito demasiadamente forte, uma atitude desconjuntada, um ruído incontrolado, uma gargalhada etc., voltando brutalmente a atenção para um corpo que deve permanecer discreto, sempre presente, mas no sentido de sua ausência.

No caso das trans, a relação parece inversa. A evidência do corpo para aquelas que já trabalharam com o corpo, à primeira vista, se instaura como tônica e necessidade, no entanto, elas querem esconder, segundo suas regras de etiqueta e manifestações do feminino, o que fica em desacordo, como cabelos desalinhados, brancos, roupas que não evidenciam sua corporalidade e feminilidade, devem estar distante de suas realidades para que a beleza perdue.

Apesar de o Estatuto do Idoso indicar que a pessoa idosa, a que tomo por sinônimo de velha, seja aquela com sessenta anos ou mais, as trans revelam outra dinâmica para seus corpos, tanto que consideram a velhice como uma etapa que se chega após os trinta anos. Suas falas informaram que existe uma relação diversa de percepção do envelhecer e ser velha:

É, eu acho, é que nem eu já disse para você, a carreira da travesti, deveria se encerrar nos 40, 50 anos, eu acho que não pode passar disso (M)..

Ah, uns cinquenta anos ela é considerada velha. Se ela tiver bem acabada pela fisionomia dela por fora, então ela já é considerada velha (...) Acabada, tipo assim, *né*, ah porque desgasta, conforme, se você não usa hormônio não desgasta tanto, mas se você coloca silicone, prótese, *esses negócio*, vai desgastando com o tempo, entendeu, aí vai ficando velha (...) (B.).

Eu tenho vinte nove anos e me sinto meio velha, mas não sou velha, mas assim quarenta anos você já é, pra travesti, já é velha. Quarenta é como se fosse uma senhora hetero de sessenta, entendeu (R.).

Trinta anos em diante ela é considerada velha, é considerada como mariconna (A.).

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





Ainda que o processo de envelhecer seja inerente a qualquer pessoa, a compreensão de seu significado varia conforme as pessoas e suas culturas. O tempo age sobre o corpo e o informa da proximidade da morte, o que implica na velhice como “algo indesejável” (CORREA, 2009. p. 16). O contraste entre corpo jovem e corpo velho suscita nestes que seu tempo se foi, suas rugas não estão em conformidade com uma cultura de beleza e juventude eternas, o que implica vivenciar a finitude no e do corpo frente ao que o interdito contemporâneo imprime.

A proximidade da velhice sugere a proximidade com a feiura, dando à pessoa que envelhece uma carga maior de invisibilidade, mesmo que as tecnologias médicas prolonguem a vida e afastem a morte como algo efetivo, segundo informa Correa (2009, p. 24). A pessoa velha parece ser destituída de si e de sua historicidade restando apenas um corpo desmantelado, como se não fosse mais uma pessoa ou sujeito, mas velho que tem seu próprio corpo como objeto.

O corpo informa às pessoas e a nós mesmas que envelhecemos, mas os corpos femininos parecem sofrer mais sob o processo de envelhecimento. A partir dessa premissa é que investiguei as falas de quatro trans (femininas) jovens, a fim de compreender como elaboram suas velhices.

A investigação a partir das falas das trans e de como observam o envelhecimento revela como tais sujeitos estão fora do contexto do corpo esperado enquanto gênero e, posteriormente, o da juventude. Essas relações podem imprimir mais ainda o estigma da invisibilidade. As trans partilham elementos diversos a fim de que sua construção corporal se efetue, elaborando outras plasticidades para o próprio corpo que contraria a heteronormatividade, porém, a velhice, para além das relações biológicas, chega com a cobrança, de si e demais pessoas, da eterna juventude.

A partir dos trinta e cinco anos elas já ficam mais preocupadas com a forma física, com as roupas e marcas próprias da idade, o que sugere essa idade como marco divisor. Saem menos de casa, a forma física começa a mudar. Mesmo que exista a flexibilização das classificações das idades, uma maleabilidade fronteiriça das faixas etárias, a heterogeneidade e diversidade das vivências geracionais, as

Realização:



Apoio:



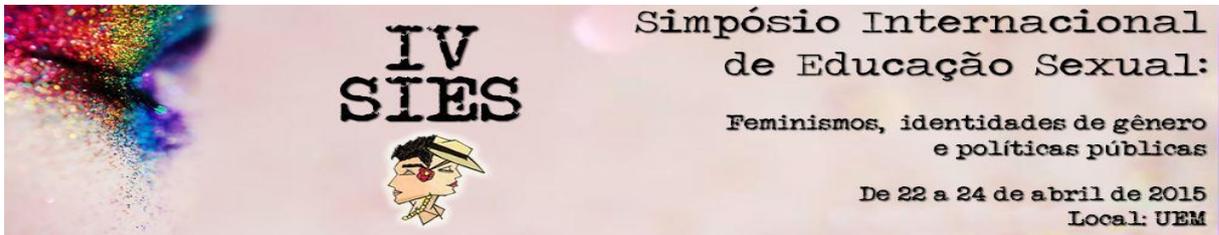
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



idades são apreendidas como etapas que demarcam estilos que “podem ou não ser adotados e delimitam fronteiras entre indivíduos e segmentos sociais, como podemos ver na interpretação da juventude ou da “terceira idade” como um modo de ser e de estar no mundo” (GOLDENBERG, 2011, p. 47).

No curso normal da vida, “a velhice termina na morte, e o nosso pensar normal sobre o envelhecimento chega à mesma conclusão. Se todo envelhecimento termina em morte, será que isso significa que todo o propósito de envelhece é morrer?” (HILLMAN, 2001, p. 13). Envelhecer destextualiza a biologia exatamente quando estamos mais escravizados por ela. A velhice permite uma segunda leitura do que antes parecia ser apenas problemas literalmente biomédicos, como sugere Hillman (2001), há outro olhar das mesmas coisas, ou das coisas que antes eram e agora não são mais, já que a memória e a história modificaram-na.

As imagens, portanto, que essas jovens trans suscitam é a de uma beleza e juventude que se mantenha o máximo possível com a tentativa de esconder as marcas do processo de envelhecimento, mas não que seja configurada como exclusividade de mulheres trans, mas também às demais mulheres e/ou pessoas que representem como feminina.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. A velhice na pesquisa socioantropológica brasileira. In: GOLDENBERG, Miriam (org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

BENEDETTI, M. R. **Toda feita: gênero e identidade no corpo travesti**. Anais da II REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DEL MERCOSUL, Piriápolis, Nov. 1997.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente** (1990). Estatuto da criança e do adolescente: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, Lei n. 8.242, de 12 de outubro de 1991. – 3. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto do Idoso**. 2. ed. rev. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira Ed., 2003.

CASOTTI, Letícia; CAMPOS, Roberta. Consumo da beleza e envelhecimento: histórias da pesquisa e de tempo. *In*: GOLDENBERG, Miriam (org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 109-131.

CORREA, Mariele Rodrigues. **Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

DUQUE, Tiago. **Montagens e Des-Montagens: desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes**. São Paulo: Annablume, 2011.

GOLDENBERG, Mirian. Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira. **Revista Contemporânea**. Ed.18, v. 9, n. 2, 2011, p. 77-85.

GOLDENBERG, Miriam (Org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

HILLMAN, James. **A força do caráter: e a poética de uma vinda longa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Trad. Fábio dos Santos Creder Lopes. 2ª. Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LE BRETON, David. Individualização do corpo e tecnologias contemporâneas. *In*: COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). **O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2012.

MANUAL DE COMUNICAÇÃO LGBT. Disponível em <<http://www.abglt.org.br/docs/ManualdeComunicacaoLGBT.pdf>> acesso em 12 de março de 2012.

ORTEGA, Francisco; ZORZANELLI, Rafaela. **Corpo em evidência: a ciência e a redefinição do humano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

PESSOA, Pessoa, Emerson Roberto de Araújo. **A construção de corpos e feminilidades: travestis e transexuais para além da prostituição**. – Dissertação

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



de Mestrado – Universidade Estadual de Maringá. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Maringá, 2013.

PRÓCHNO, C. C. S. C.; ROCHA, R. M. G. O jogo do nome nas subjetividades travestis. **Psicologia & Sociedade**, n. 23, v. 2, 2011, p. 254-26.

SHIMURA, Joyce M. **ANA, DULCINÉIA E EMANUELA: narrativas travestis e discursos científicos sobre a construção dos corpos na escola**. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Maringá. Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência e a Matemática. Maringá, 2012.

SIBILIA, Paula. A moral da pele lisa e a censura midiática: o corpo velho como uma imagem com falhas. *In*: GOLDENBERG, Miriam (org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 83-108.

SIBILIA, Paula. Imagens de corpos velhos: a moral da pele lisa nos meios gráficos e audiovisuais. *In*: COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). **O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2012, p. 145-160.

SILVA, H. **Travesti: a invenção do feminino**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

ABSTRACT

This article analyzes how is the development of old from the speeches of young transgender woman, as well as their self images raised for memories, guided the analysis of testimonials. The method chosen was the oral record of four testimonials made in the period January to August 2013, together with the description of the speeches that allowed us to establish connection between the transformation of the male body in female and how this transgender woman thinks their own aging process. To analyze the data from informants we used a semi-structured scripts like a guide of the data collection, so as to favor flexibility in dialogue and relate to gender discussions of Judith Butler and Marco R. Benedetti, as well with generational studies of de Miriam Goldenberg and the body's studies of Le Breton. The analysis of the speeches of the four testimonials disclose the assertion that the old to transgender woman occurs after the age of thirty, different from that advocates by the Statute of the Elderly, so, before sixty especially because of the body recovery what their are experiencing and are charged, those leads the use of clothes and costumes to hide the marks of age.

Key-words: body; aging; transgender woman.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook